

## **Etapas da formação de um ator brasileiro no Teatro Duse de Paschoal Carlos Magno.**

Diego Molina

Diretor de teatro, dramaturgo, ator e professor  
PPGAC/UNIRIO

Palavras-chaves: Teatro Duse; Paschoal Carlos Magno; Teatro Brasileiro Moderno

### Resumo:

Este estudo chama a atenção para um determinado momento da trajetória dos processos de criação cênica nacional – na década de 1950 –, particularizando não um trabalho específico, mas um mecanismo específico de “formação” atorial ocorrido dentro do primeiro teatro-laboratório do país, o Teatro Duse, na tentativa de compreender como o processo de formação do artista (primeiro momento) pode interferir na realização de seus projetos futuros. Assim, tomar-se-á como objeto de referência um processo peculiar.

O pequeno Teatro Duse, de apenas cem lugares, foi construído na própria casa do empreendedor cultural Paschoal Carlos Magno e funcionou em sua residência entre 1952 e 1958, sendo responsável pela revelação de dezenas de importantes artistas do teatro moderno brasileiro.

Em geral, o artista passava por um processo peculiar na sua curta trajetória de formação: 1) através da imprensa ou por indicação de algum artista, o aluno tomava conhecimento do Teatro Duse; 2) o estudante era avaliado por uma banca ou pelo próprio Paschoal Carlos Magno; 3) uma vez no Duse, participava das aulas e tinha um primeiro contato com conteúdo teórico e prático; 4) via de regra, o aspirante trabalhava em diversas montagens, mas desempenhando funções variadas, desde as atividades técnicas até o trabalho artístico propriamente dito (atuação, direção, criação de cenários e figurinos); 5) paralelamente, o jovem artista construía uma nova vida social, participando dos diversos eventos promovidos por Paschoal Carlos Magno e estreitando suas relações com a classe artística em geral; 6) ao desempenhar funções de destaque, o artista entrava na “vitrine” do mercado teatral, devido a presença constante dos empresários na platéia do teatro; 7) caso não fosse logo contratado, o aluno mantinha suas atividades no Duse até surgirem convites ou formar, com outros integrantes, sua própria companhia.

Este estudo chama a atenção para um determinado momento da trajetória dos processos de criação cênica nacional – na década de 1950 –, particularizando não um trabalho específico, mas um mecanismo específico de “formação” atorial ocorrido dentro do primeiro teatro-laboratório do país, o Teatro Duse, na tentativa de compreender como o processo de formação do artista (primeiro momento) pode interferir na realização de seus projetos futuros. Assim, tomar-se-á como objeto de referência um processo peculiar.

O pequeno Teatro Duse, de apenas cem lugares, foi construído na própria casa do empreendedor cultural Paschoal Carlos Magno (1906 – 1980) e funcionou em sua residência entre 1952 e 1958, sendo responsável pela revelação de dezenas de

importantes artistas do teatro moderno brasileiro. O nome do teatro foi uma homenagem à atriz italiana Eleonora Duse (1858 – 1924), que apesar de Paschoal nunca ter conhecido pessoalmente, nem sequer ter assistido a algum de seus espetáculos, tinha uma profunda admiração pela sua imagem e pela sua trajetória de vida.

Em sua coluna no jornal *Correio da Manhã*, Paschoal Carlos Magno revela o modo como sua musa inspiradora contribuiu para a conceituação de um “método” de ensino:

“Em Santa Teresa há um teatro-laboratório. Chama-se Duse, em homenagem àquela que foi a maior atriz de seu tempo e que não acreditava em escolas de arte dramática. Por isso, quando Yvette Guilbert a convidou para que fosse com ela dirigir uma academia de teatro, recusou-se: ‘Não acredito em escolas de teatro. Teatro aprende-se no palco’. (...) Teatro, no Duse, é aprendido, portanto, sem muita teoria inútil, mas especialmente no palco, seguindo assim um conselho da grande Eleonora”<sup>1</sup>.

Esse princípio de “teatro se faz na prática” seria o alicerce dos mecanismos de ensino do Teatro Duse, materializada através de sua Escola de Arte Dramática. Parece, portanto, uma idéia contraditória: uma escola de teatro que ensina que teatro não se aprende na escola. Mas apesar de Eleonora nunca ter freqüentado nenhuma escola de interpretação, Paschoal sabia que a grande maioria dos jovens artistas que o procuravam não tinha o mínimo contato com teatro e resolveu oferecer cursos de artes cênicas aos alunos do seu Teatro do Estudante.

Na tentativa de compreender os objetivos da Escola de Arte Dramática do Teatro Duse veremos algumas de suas peculiaridades, a começar pelo que parecia ser uma de suas maiores pretensões, descrita logo no artigo 1º do regulamento da escola: “O Teatro Duse manterá sua escola, a fim de **formar**<sup>2</sup> atores, autores, diretores, cenógrafos, espectadores e outros elementos úteis ao teatro”.

Até 1958<sup>3</sup>, anualmente, o Duse ofereceu seu curso a dezenas de estudantes, promovendo uma base teórica e prática a esses artistas iniciantes antes de eles encararem as montagens – que eram, de fato, o grande carro-chefe do espaço. Essa atitude focada na apresentação de espetáculos interferia em toda a estrutura do Duse, inclusive em suas aulas. Os cursos eram ministrados, geralmente, no primeiro semestre, e dividiam espaço com os ensaios das montagens que vinham logo em seguida. Havia

---

<sup>1</sup> Jornal *Correio da Manhã*, de 22/11/1953. CARVALHO, Martinho; DUMAR, Norma (organização). *Paschoal Carlos Magno. Crítica teatral e outras histórias*, p. 247.

<sup>2</sup> Grifo do autor.

<sup>3</sup> Excetuando-se o ano de 1957, quando o Duse e suas aulas foram interrompidos.

uma grande rotatividade de espetáculos e o tempo ocupado com eles era bem maior do que o tempo das aulas, que eram, na verdade, um primeiro contato. Segundo Paschoal<sup>4</sup>:

“Mas no começo de cada ano seus elementos têm, durante três meses seguidos, aos sábados e domingos, numa média de dez horas semanais, aulas de prosódia, poesia, caracterização, gesto, interpretação, voz, estilo, cenografia, composição dramática. Uma pergunta ocorre a essa gente: por que tais aulas de preparação não são diárias? A resposta é fácil: quem as frequenta são moças e rapazes que trabalham e estudam. Como obrigar esses jovens, depois de horas gastas em repartições, lojas, escritórios, a aulas diárias? (Não há ninguém neste país que ‘só estude teatro, como em outros’)”.

Esse depoimento nos revela o desequilíbrio entre um grande número de disciplinas ministradas<sup>5</sup> e o curto tempo de aula oferecido, justificado por Paschoal pelo compromisso dos alunos com seus trabalhos ou suas atividades estudantis “oficiais”. Esclarece-se aqui que a Escola de Arte Dramática não era uma instituição de ensino ligada ao MEC ou qualquer outro órgão público ou privado que não fosse o próprio Paschoal Carlos Magno. Tratava-se, como indica o artigo 9º do regulamento da escola, de “uma organização exclusivamente de experimentação artística”, de forma que suas aulas não valiam como curso técnico, acadêmico ou profissionalizante – idéias ainda recentes no campo teatral da época. Também não era emitido nenhum tipo de certificado para os alunos. Ou seja: a escola era prestigiada devido à força do nome do seu criador, e através dele ela era mantida. A proposta, assim, parecia clara: oferecer noções gerais sobre o conjunto de atividades que compõe a prática teatral.

Além de atuar nas montagens, as possibilidades de participação para quem ingressava no Duse eram as mais variadas, devido à quantidade de eventos que aconteciam na sede do Teatro do Estudante em Santa Teresa. Mas havia uma condição comum a todos os interessados: as aulas. Porque, no entendimento de Paschoal, tão importante quanto o talento era a vocação do artista. E aí se verifica um dos objetivos da escola: a garantia de um comprometimento, mínimo que fosse, dos alunos. Porque a tentação em se apresentar num dos espaços culturais mais badalados do Rio de Janeiro, para uma platéia repleta de empresários e figuras da sociedade, não poderia ser maior que o comprometimento com a formação como artista. Por isso, era também bastante

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Martinho; DUMAR, Norma (organização). *Paschoal Carlos Magno. Crítica teatral e outras histórias*, p. 247.

<sup>5</sup> As disciplinas oferecidas variavam em cada ano. De acordo com o artigo 2º do “Regulamento da Escola do Teatro Duse”, escrito em 1955, por exemplo, estão sendo ministrados os seguintes cursos: História do Teatro, Prosódia, Voz, Mímica, Interpretação, Caracterização, Ginástica rítmica, Cenografia, Direção, Crítica teatral. Acervo *Paschoal Carlos Magno*, CEDOC/FUNARTE.

comum que os alunos-atores, diretores, cenógrafos e figurinistas do teatro desempenhassem outros ofícios nas montagens.

Examinando o *Acervo Paschoal Carlos Magno*, do CEDOC/FUNARTE, foi encontrado o “Regulamento da Escola de Teatro Duse”, que, da mesma forma que o Estatuto do teatro, foi também redigido no ano de 1955, em decorrência da partida de Paschoal para a Itália, a serviços diplomáticos. Nesse regulamento pode-se perceber que, apesar da fragilidade da estrutura das aulas, houve, em algum momento, uma tentativa de tornar o projeto mais consistente.

Mas o que se viu, na verdade, foi que apesar da tentativa de uma regulamentação das práticas e da busca por uma metodologia de continuidade de trabalho, a Escola de Arte Dramática funcionou de maneiras diferentes em cada ano. Por exemplo: as disciplinas e a carga horária das aulas nunca foram fixas; devido ao pouco tempo de existência do espaço, não foi possível fechar ciclos bianuais como se previa; além disso, alguns alunos permaneceram no Duse durante mais de dois anos (ou menos; na verdade, o tempo que fosse necessário) fazendo as aulas e participando das montagens enquanto não se sentiam seguros ou não surgia uma oportunidade de entrar na carreira profissional; no curso de 1958 (o último), ao contrário do que desejava Paschoal, foram cobradas mensalidades – contrariando o artigo 14º –, devido ao desgaste da estrutura financeira.

Além do corpo docente previsto, era comum outros artistas experientes irem ao Duse como professores substitutos ou seguindo a coerência de abrangência da escola: se Paschoal achasse importante ou proveitoso, convidava algumas pessoas para uma palestra ou uma aula esporádica.

As aulas eram, em resumo: 1) conceitualmente, buscavam atender estudantes que queriam desenvolver sua aptidão artística tendo em vista um futuro profissional – nesse sentido, a compreensão e o interesse por um sistema em que o teatro seria um ofício coletivo e que exigiria a participação intensa de seus componentes eram fundamentais; 2) na prática, era-lhes oferecida uma série de aulas durante um curto período de tempo e sem um projeto de conteúdo claro – o resto se dava com as montagens, sempre abundantes. Tendo em mente essa revista, retomemos a citação do primeiro artigo do regulamento do teatro: “Artigo 1º - O Teatro Duse manterá sua escola, a fim de **formar** atores, autores, diretores, cenógrafos, espectadores e outros elementos úteis ao teatro”.

Ora, pensando no conjunto das práticas e na “metodologia” do espaço, com ênfase na criação de espetáculos, não seria o caso de dar uma nova significação ao verbo “formar”, empregado no regulamento da escola? Não seriam as aulas, como foi visto, um instrumento de acesso aos espetáculos? Deixemos claro que não é intenção desta pesquisa diminuir o valor da Escola de Arte Dramática. Entretanto, parece coerente afirmar, pela própria relação de tempo utilizado nas atividades e pela valorização da experiência quantitativa de palco (num período tão curto de tempo), que o teatro de Paschoal Carlos Magno foi, em primeiro lugar, um espaço de oportunidades e vitrine de uma geração de novos artistas. Ali, estariam à disposição: uma razoável infra-estrutura física, cultural e assistencial; professores e figuras experientes das artes cênicas; uma série de montagens; o respaldo e as conseqüências de se participar de um empreendimento de Paschoal Carlos Magno.

Se havia alguma formação, ela era feita no sentido de levar ao jovem o contato com o ambiente artístico; prover-lhe, através da vivência, noções comportamentais (como humildade, comprometimento com uma arte coletiva, jamais estelar) sociais e éticas. No resto, é como Othon Bastos disse: “Várias vezes ele [Paschoal] dizia uma frase que até hoje acho perfeita: ‘Meu filho, a maior escola do ator é o palco’”.

É claro que alguns meses no Duse não eram suficientes para a formação adequada de um artista. E como era bastante comum que jovens atores do Teatro do Estudante fossem contratados por companhias profissionais, este estudo acrescenta ao *hall* de epítetos e subtítulos do Teatro Duse o termo “espaço de passagem”, substituindo o conceito de formação pelo de revelação.